INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREAS PROTEGIDAS: ESTUDO DE CASO NA FLONA TAPAJÓS (PA)

Eduardo Henrique Dias Carvalho (PIBIC/UEPG/UEPG), Jasmine Cardozo Moreira (Orientadora), e-mail: jasminecardozo@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Turismo

Turismo / Turismo em Áreas Naturais

Palavras-chave: Áreas naturais, floresta nacional, uso público.

Resumo

Este trabalho integra a linha de pesquisa intitulada Turismo em Áreas Naturais e Interpretação Ambiental, e foi realizado a partir de dados coletados diretamente com os visitantes da FLONA pela Universidade de *West Virginia* em parceria com o *US Forest Service – International Programs* e a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foram coletados 4010 questionários entre 2014 e 2016, utilizando tablets e o aplicativo *droidsurvey*, e que contemplam diversos itens relacionados ao perfil e à percepção dos visitantes. Neste estudo, foram selecionados e analisados dados referentes exclusivamente à aspectos da interpretação ambiental na FLONA Tapajós. Em comparação com outros itens de domínio de qualidade, a interpretação ambiental foi a que apresentou maior insatisfação. Em uma escala de 1 a 5, a média de satisfação foi de 3.59. Os resultados e avaliações apresentados nesta pesquisa podem auxiliar os gestores no desenvolvimento de projetos de aprimoramento de seus meios interpretativos.

Introdução

Foram utilizados para a realização deste trabalho dados do relatório desenvolvido pela Universidade de *West Virginia* em parceria com o Serviço Florestal dos Estados Unidos e a Universidade Estadual de Ponta Grossa. Os dados foram coletados entre o período de 13 de fevereiro de 2014 a 31 de março de 2016, nas comunidades de São Domingos, Maguari, Jamaraquá e também na trilha interpretativa de Terra Rica, totalizando 4010 questionários respondidos (BURNS et al, 2016).
O objetivo proposto foi o de analisar e filtrar os dados coletados, no sentido de verificar a satisfação dos visitantes em relação a aspectos da interpretação ambiental existentes na FLONA Tapajós, apresentando sugestões.
Fundada no dia 19 de fevereiro de 1974 pelo decreto N.º 73.684, a Floresta Nacional do Tapajós é uma UC localizada em Santarém no Estado do Pará, nas proximidades do Rio Tapajós e é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Além de possuir valor social, cultural e ambiental, a Floresta Nacional do Tapajós também apresenta valor científico.

Materiais e Métodos

As metodologias empregadas foram a bibliográfica, que se preocupou em apresentar conceitos sobre unidades de conservação e interpretação ambiental, e a

documental, utilizando dados já coletados de pesquisas realizadas no local sobre a percepção do visitante (Moreira, 2015). Foi feita uma análise da satisfação dos visitantes em relação a interpretação ambiental, baseando-se em informações já publicadas e nos Planos de Manejo. Na tabulação dos dados foram observados pontos positivos e negativos, seguidos da elaboração de gráficos que se enquadram nos seguintes tópicos: Perfil dos visitantes; Atividades realizadas; Interpretação ambiental.

Revisão de literatura

As UCs são áreas instituídas e geridas pelo poder público federal, estadual ou municipal e podem ser classificadas em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e UCs de Uso Sustentável. As UCs de Uso Sustentável – categoria em que se encontra a FLONA Tapajós – são destinadas não só à conservação da biodiversidade, mas também à extração racional de recursos naturais (produtos florestais madeireiros ou não) e ao turismo e atividades de educação ambiental, de acordo com o plano de manejo da unidade. Desde que realizem atividades sob o regime de manejo, as populações denominadas tradicionais podem permanecer nessas áreas (IMAZON & ISA, 2011).
Os moradores da FLONA sobrevivem de algumas atividades de subsistência como a agropecuária e o extrativismo. Os visitantes têm a oportunidade de estar em contato com a natureza e também de conviver com a população local (ICMBIO, 2016). Um dos objetivos do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) definidos para a FLONA Tapajós, dentre vários outros, é o de “favorecer condições e promover a educação e a interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico (ou ecoturismo)” (IBAMA, 2004).
A interpretação ambiental é a forma de interpretação utilizada explicitamente para propósitos ambientais e de conservação, traduzindo a linguagem técnica de uma ciência natural em ideias que as pessoas em geral – que não são técnicas – consigam entender (HAM, 1992). Alguns exemplos de meios interpretativos são: broches, folhetos e mapas; centros de visitantes, museus, exposições e centros de exibições naturais; exposições de beira de estrada e trilhas autoguiadas; elementos audiovisuais, apresentações de slides, vídeos, programas interativos e filmes; jornais, boletins informativos e cronogramas de atividades; páginas na internet e estações de rádio; apresentações em auditórios, narrações e programas em barcos e trilhas (FORIST, 2003).
Tilden (1997) desenvolveu os princípios de uma interpretação efetiva. Segundo o autor, se o que está sendo mostrado ou descrito não tiver relação alguma com a personalidade ou as experiências do visitante, logo não será produtivo. A informação sozinha não é interpretação, sendo a interpretação a revelação de informações. Toda a interpretação possui informações, mas são coisas distintas. O autor ainda aponta que o foco da interpretação não é a instrução, mas sim a provocação, que a interpretação deve representar um todo e não uma parte, e deve ser direcionada para todos os tipos de pessoas, pois a interpretação direcionada para crianças não deve ser uma versão diluída daquela apresentada aos adultos, mas sim uma abordagem diferente, preferencialmente em programas distintos.

Resultados e Discussão

Em relação ao perfil dos visitantes, a maior parte dos entrevistados possuía um nível de escolaridade alto, com ensino superior completo e pós-graduação, enquanto um pequeno grupo de pessoas possui ensino fundamental e médio. A partir deste cenário, pode-se afirmar que os visitantes, de modo geral, tiveram poucos problemas em identificar, decodificar, avaliar e até mesmo julgar os meios interpretativos.

Os entrevistados eram predominantemente adultos, sendo 69.6% brasileiros e 30.4% estrangeiros. Os grupos de visitantes possuíam mais adultos (média 6.79) do que crianças de até 16 anos (média 3.37), e eram compostos principalmente por amigos, seguidos de grupos de famílias, famílias e amigos e grupos comerciais (pessoas que pagaram uma taxa para participar desta viagem). Os meios interpretativos, teoricamente, atingem com mais eficiência os brasileiros adultos e com menor eficiência as crianças ou estrangeiros que não compreendem a língua portuguesa. O perfil geral dos visitantes apresenta-se estatisticamente favorável, mas em contrapartida, os grupos educacionais têm incidência mínima, sugerindo um interesse geral mais voltado para a recreação e contemplação da natureza do que para a educação ambiental propriamente dita.

Em relação às atividades realizadas, parte da interpretação ambiental efetiva advém da pré-disposição do visitante em aprender sobre o local. Embora nem todas as pessoas busquem realizar atividades que possibilitam a implementação de meios interpretativos, a grande maioria realizou atividades de caminhada/trilha em locais que apresentam meios interpretativos, como é o caso da Trilha Interpretativa de Terra Rica.

Pessoas que buscam apenas recreação e atividades ao ar livre não precisariam necessariamente ir até a FLONA Tapajós, pois encontrariam facilmente outras opções, mais próximas e com menor custo. Os visitantes da FLONA geralmente apreciam o contato direto com a natureza e muitos têm interesse na cultura local. Por este motivo, a interpretação ambiental e os meios interpretativos surgem como fatores essenciais.

Em relação à interpretação ambiental, os entrevistados responderam se já sabiam ou não, antes de chegarem lá, que a área da FLONA Tapajós era uma Floresta Nacional, e 79,2% respondeu que sim. A maioria dos que não sabiam ficaram sabendo a partir de um guia. Pensando em meios interpretativos implementados de maneira estratégica, quanto antes o visitante passar a ter ciência da importância de algum (s) elemento (s) de um determinado local, mais atento ele ficará à novas informações ao decorrer de sua visita. Por fim, os entrevistados classificaram os meios interpretativos (painéis, guias, folhetos, etc.) da área da FLONA Tapajós, em uma escala de 1 a 5 (ruim à excelente).

Em comparação com outros itens referentes a domínios de qualidade avaliados na pesquisa, a interpretação ambiental foi a que apresentou maior insatisfação. Em uma escala de 1 a 5, a média de satisfação foi de 3.59, com 15,3% dos entrevistados avaliando a qualidade como razoável ou ruim (BURNS; MOREIRA; CHUPRINKO, GREGORY, 2016).

Conclusões

A partir dos resultados da pesquisa e das avaliações a respeito de seus aspectos relacionados à interpretação ambiental na FLONA Tapajós, os gestores e instituições envolvidas têm a possibilidade de desenvolver projetos de

aprimoramento de seus meios interpretativos, buscando estratégias cada vez mais efetivas.
Pesquisas similares e com a mesma metodologia estão sendo realizadas em outras unidades de conservação, possibilitando o cruzamento de informações e análises comparativas que irão contribuir significativamente com a gestão de uso público das UCs do Brasil.

Agradecimentos
Agradecemos à UEPG (instituição de fomento), ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), à Universidade de *West Virginia* e ao Serviço Florestal Americano pelo apoio a esta pesquisa.

Referências

BURNS, R. C., MOREIRA, J. C., CHUPRINKO, T. L., GREGORY, L. Flona Tapajós: Pesquisa Sobre Recreação e Uso Público. Relatório Interno, ago. 2016.

FORIST, B. E. et al. Visitor Use and Evaluation of Interpretive Media: A report on visitors to the National Park System. The National Park Service Social Science Program. [S/l]. set. 2003.

HAM, S. Environmental Interpretation: A practical guide for people with big ideas for small budgets. North American Press. Golden, CO. 1992.

IBAMA. 2004. Plano de Manejo da Floresta Nacional do Tapajós. Volume I. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/flona_tapajoss.pdf. Acesso em: 06/11/2016.

ICMBIO. Floresta Nacional do Tapajós. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/flonatapajos/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 18/10/2016.

IMAZON, ISA. 2011. Áreas Protegidas na Amazônia Brasileira: Avanços e Desafios. Disponível em: https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/publicacoes/10372_0.pdf. Acesso em: 06/11/2016.

MOREIRA, J. C., BURNS, R. TURISMO, MANEJO DE USO PÚBLICO E A PERCEPÇÃO DOS VISITANTES: COLETA DE DADOS NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS (PARÁ) In: VIII Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, 2015, Curitiba. Anais do VIII CBUC. Curitiba: Editora da Fundação Grupo Boticário, v.1. p.1 – 14. 2015.

TILDEN, F. Interpreting Our Heritage. University of North Carolina Press. Hill, NC. v. 3, 1977.